

Fotografia

(26-10-2020)

Marco Gonçalves

Muito bem, vamos começar então, boa noite a todos, o meu nome é Marco Gonçalves, sou professor [?] visual, também fotógrafo, e estou neste momento a trabalhar no Museu de Fotografia da Madeira nos serviços educativos, e estou cá para moderar aqui esta nossa conversa fantástica sobre fotografia, com duas pessoas que estão ligadas, direta e indiretamente à fotografia, às artes em geral, a arte da imagem, e nós temos então connosco, Júlio Castro e o [?], mas vamos deixar aqui então uma palavrinha com o Zé para se apresentar, faça favor Zé.

Zyberchema

Boa noite.

Bem, vamos falar aqui um pouco de fotografia.

Meu campo da fotografia é, quem sabe, a nível um pouco artístico, não vivo da fotografia. Gosto da fotografia, e de algumas intervenções, gosto de trabalhar com a imagem, brincar com as luzes, é mais-ou-menos o que estou a fazer.

Marco Gonçalves

Muito bem Zé, muito obrigado, vamos então ao Júlio.

Júlio Castro

Eu chamo-me Júlio Silva Castro, sou fotógrafo profissional, vivo da fotografia e portanto esta é a minha ocupação a tempo inteiro.

Basicamente, os fotógrafos na Madeira têm uma componente polivalente, têm que fazer muitos tipos de trabalho, se perguntarem o meu preferido, diria que era fotografia de cena, que é essa que faço à quase quarenta anos, e portanto essa é que me agrada mais, mas pronto, nós nesta área temos de ser polivalentes, numa ilha como a nossa, mais ainda, portanto à aqui que responder às solicitações.

Marco Gonçalves

Eu acho que isso é um bom mote para começarmos, que é a questão da função da fotografia. Na fotografia há muitas modalidades e esse é um facto que é muito notável, principalmente aqui na Madeira é difícil alguém seguir a fotografia profissional e especializar-se numa só área, não é verdade?

Vamos então a esta questão da fotografia, abro aqui ao painel todo, se alguém quiser responder. O que é que vos parece, qual é a função da fotografia nos dias de hoje?

Júlio Castro

A fotografia nos dias de hoje é quase como à duzentos anos, essencialmente é um registo muito importante na memória coletiva e na memória individual, portanto, é um auxiliar de primeira linha e portanto, estamos a viver os duzentos anos mais documentados de sempre da humanidade, e ainda por cima temos a sorte de ter uma das casas mais antigas da Europa, que é o Museu Vicentes, tens aí ao teu pé, todo um espólio que dá imenso gosto ver,

volta e meia as fotografias publicadas e podemos viajar com coisas de à cem anos.

Marco Gonçalves

Isso por acaso é um pormenor, que já falaste antes, que é muito engraçado, é que hoje me dia, publica-se por minuto, mais imagens, do que se fotografou em todo o século XIX, é mesmo incrível.

Júlio Castro

Mas isso leva-me a dizer que maior quantidade, não quer dizer melhor qualidade, mas isso é uma opinião muito pessoal e portanto...

Marco Gonçalves

E então Zé, em relação à função da fotografia, como é que vês a fotografia nos dias de hoje? Em termos de função achas que mantém, defende a mesma ideia ao longo dos duzentos anos, a fotografia tem servido as mesmas funções?

Zyberchema

Foi revolucionada agora com as melhor médias que temos e com a rapidez, e estávamos a falar da quantidade de fotos que fazemos, que há aí muita informação, muita imagem que logo se tem que filtrar, e também como dizia o Júlio que a qualidade da imagem, isso depende porque também é uma imagem documental, um documento vai ter de ter sempre uma qualidade mais técnica, não uma qualidade sem conteúdo, e isso é o importante, e o que acredito que falta mais é a educação visual, educação para saber ver

imagens e para apanhar, neste sentido sabe analisar um pouco a fotografia, porque disparar 50 imagens, e às vezes quando se pergunta, quantas fotos fizeste, “fiz muitas”, e quantas [?], “não sei”.

Marco Gonçalves

Isso é engraçado, é um ponto que tu estás a falar para o painel, é que realmente no passado tirávamos duas ou três fotos, e se calhar eram essas fotos que acompanhavam a nossa família, a nossa herança, ao longo do tempo, e hoje em dia, vamos a uma festa de aniversário, e captamos umas seiscentas, setecentas fotos, não é?

Júlio Castro

Daí eu dizer que maior quantidade, não é melhor qualidade, não é? E nota-se uma grande falta de critério, sem dúvida e isso polui, a determinada altura, polui e portanto, mas... que sou eu para dizer que polui... de qualquer maneira a fotografia tem um conjunto de regras estéticas, técnicas, que o [?] estava a tentar explicar, regras que estão nos livros, estão nos manuais, e portanto, para se poder quebrar essas regras é preciso primeiro conhecê-las, eu costumo dar muito o exemplo de, se eu entrar num sentido proibido, com um sinal vermelho, com a barra branca e chegar ao fim e encontrar o polícia, não posso dizer que não sabia o que era aquilo, sei bem que era um sinal proibido, mas que eu assumi quebrar essa regra, portanto, e é aí que entra um pouco de formação, estamos a falar de fotografia, vamos falar de fotografia, e é preciso informação em fotografia também, tanto das outras coisas, outras atividades, portanto, vamos indo... Não é?

Marco Gonçalves

Mas aí, se calhar, um bom conhecedor da fotografia e das suas regras, e se for genial, sabe quebrá-las em seu proveito, não é? Saber quebrar a regra, também é uma boa regra.

Júlio Castro

Pois, o [?] também acho que é relativo, depende como se aborda a fotografia, mas pronto, o Zé pode talvez ter uma opinião ligeiramente diferente...

Marco Gonçalves

Nós estamos a falar da questão da função da fotografia, isto porque todos nós associamos a questão da fotografia, a uma questão documental, não é de registo, para memória futura, mas realmente a fotografia, ao longo dos tempos, também teve outras funções, por exemplo, estou a pensar numa função simbólica, podemos atribuir funções simbólicas a artistas, também à fotografia, o que é que vocês acham?

Zyberchema

Sim, a imagem, a fotografia são símbolos que nos vão marcar e vão marcar uma época, e essa imagem da [?] quando a bomba de Hiroshima, essa marcará sempre, e esses pontos, e esses sítios são os que marcam recordações e marcam, e essa é a parte documental ou umas imagens de moda, umas imagens que vão fazer que as pessoas mudem os seus hábitos e as suas formas de atuar, agora se fala muito do tema dos telemóveis, gente que faz fotografias e são as que compartilham, e são as que marcam

tendências. No princípio eram mais tendências de política, por exemplo de [?] agora são tendências de moda. A fotografia está a marcar a imagem que nos rodeiam, e isso é um dos sentidos no qual se centra muita muita informação.

Júlio Castro

A fotografia tem todas as áreas hoje em dia, científica, documental, astronomia, enfim, hoje tudo tudo tudo passa por uma fotografia, microscópio, telescópio, enfim, é uma técnica realmente com uma abrangência muito grande, não há nada quase que aconteça que não esteja fotografado, documentado, aliás, há até uma tendência atual que diz, se não for fotografado, ou filmado, não aconteceu.

Esta fobia chegou, não é, porque às vezes com esta ideia, apetece não pegar na máquina.

Marco Gonçalves

Essa questão é muito importante, que acho que deveríamos diferenciar, que é a seguinte:

Hoje em dia qualquer pessoa é fotografa, não é verdade, quando a fotografia foi inventada inicialmente, tinha que ter um misto de cientista louco, de químico, ter a capacidade técnica de manipular não só a máquina e toda a química dela, e hoje em dia, qualquer individuo com ou sem formação, consegue fazer uma imagem, pega no telemóvel e capta.

Júlio Castro

A fotografia democratizou-se, completamente, e não é mau, nós todos escrevemos, e nem todos nós somos escritores, portanto, não é isso que aborrece, o que aborrece talvez, é querer transformar tudo em arte, quando é exatamente ao contrário, dificilmente se consegue fazer arte.

Marco Gonçalves

Esse é um fator que também acho que é interessante colocar aqui em discussão, que é realmente, o facto de nós...

Júlio Castro

O que é arte, mas isso é outra questão, para chegar a esses patamares, embora a arte, o Zé ainda há pouco estava a dizer, tem muitas leituras, muitas definições, e portanto, para mim é quando se atinge o ponto que não é fácil atingir. É uma busca constante da perfeição, isso é.

Marco Gonçalves

Muito bem. Então o facto de nós produzirmos imagens, como tinha dito, num só minuto conseguimos produzir imagens em quantidade que supera a que se produziu no século XIX. Esta multiplicidade de imagens que acontecem em simultâneo com fins mais variados, outras com mais valor, menos valor, essa quantidade de imagens, tira valor à fotografia? Hoje em dia as pessoas vêm a fotografia como algo menor?

Zyberchema

A fotografia chega a ser a nível de arte um... pode ser também considerada como um escultor, como um pintor, porque se vê mais a máquina, do que pessoa, a inteligência do artista, a criatividade do artista se menospreza ao ser feito uma fotografia, [?] paisagem, e se chegar um pintor e a pintar, às vezes tem mais valor para muita gente, que uma fotografia. Porque é difícil, eu estou num sítio que captar [?] numa imagem, e poder mostrar numa imagem o que tu estás a ver e a sentir, é difícil.

Marco Gonçalves

Concordas ou...

Júlio Castro

O conseguir colocar lá as emoções, como o Zé está a falar, é super difícil, não é, por isso é que eu dei o exemplo, todos escrevemos mas nem todos somos escritores e eu acho que na fotografia a própria palavra, que eu gosto muito de lembrar, diz exatamente o que se trata, é foto – luz, grafia – escrita, portanto temos que escrever com luz, e escrever de maneira que se toque o leitor é difícil, porque senão, isto era só *best-sellers* e o objetivo penso que não passa por aí, pelo menos o meu, não passa por aí, passa por ter uma consistência no trabalho, eu costumo dizer que os fotógrafos profissionais, quando eu comecei a fotografia, era quase como uma filosofia de caçador/pescador, aquilo era “eh pá, mexeu, disparou, tá, já esta!”, não é, quando hoje falo de fotografia, acho que temos de passar à fase do agricultor, temos de planta-la, regá-la, protegê-la das intempéries, até colher o fruto final, e isso, portanto, dá trabalho e é uma filosofia, deixamos de ser caçadores, para ser agricultores, há aqui uma forma de abordagem à mesma coisa que é a fotografia, que é a escrita pela luz, não é.



Marco Gonçalves

Há aqui um ponto que o Zé falou que achei interessante, que era o fator da pintura, exigir muita capacidade técnica e de representação, a fotografia também mas perdeu talvez o encanto, porque o pintor consegue produzir as suas próprias imagens, com as suas próprias mãos, toda a imagem, e é engraçado, que com o virar do século, com o surgimento da fotografia há pintores, não só no mundo, como em Portugal, estou-me a lembrar, por exemplo, do Amadeo de Souza-Cardoso, isso foi uma tendência que se repetiu com Alberto Carneiro, e [?] Almeida, nós temos vários artistas portugueses que abraçaram a fotografia, até como forma artística, a fotografia ganhou um valor também expressivo e simbólico, apesar de ser uma técnica acessível ao comum mortal, não é?

Júlio Castro

[cortes no som] em Lisboa, salvo erro, da vertente fotográfica do *hobbie* que ele tinha, não é, o próprio Vicente Jorge Silva era jornalista, e no entanto fazia a fotografia de uma forma artística, com expressão, e pessoal...

Marco Gonçalves

Embora fosse mais o cinema, ou gostava mais da arte do cinema.

Júlio Castro

Sim, sim, mas também a fotografia, por acaso tive a oportunidade de trabalhar [cortes no som] na última exposição, [cortes no som] e são

abordagens, no fundo é legítimo, desde que se leve as coisas com seriedade e com algum critério, de resto, basicamente não tenho nada a questionar.

Marco Gonçalves

Vamos pensar então, como nós estamos aqui a falar num fórum de cultura, é possível, ser um agente cultural como fotógrafo?

Eu posso ser um agente cultural, posso usar a fotografia como um mecanismo de...

Júlio Castro

Sem dúvida, não pode ser é de uma forma brejeira, quer dizer, as coisas têm de ser amadurecidas, lá está, ainda agora tinha acabado de falar na questão do agricultor, e do pescado, e portanto, nem tudo o que vem à rede é peixe, tem de haver um critério, uma função, é uma coisa recente, as tecnologias baralham um pouco isto, estamos a viver, em duzentos anos já vamos na terceira era da fotografia, tivemos o analógico, preto e branco, depois o analógico cor, e desde 88 para cá, houve o primeiro registo da fotografia digital, que foi a Fuji que apresentou na Photokina, em 88, e que então foi o *boom* final das coisas, ótimo, eu acho que isso é bom, agora, tudo o resto tem que ser sempre pensado e manter os critérios de qualidade. E é isso que eu acho importante, fotografar é o caminho, não há dúvidas.

Marco Gonçalves

Muito bem. E então, ó Zé, em relação à fotografia como um mecanismo cultural, o que te parece que podia ser feito na área da fotografia, que

valorizasse a nossa cultura, não sei se as pessoas sabem, o Zé é espanhol, como é que tu vêes a fotografia aqui na Madeira como forma de ação cultural?

Zyberchema

Pois, a fotografia como ação cultural aqui na ilha, creio que lhe falta muito caminho, no sentido de, a nível artístico e cultural, sabem, a nível de criar espaços para mostrar as fotos, de que as pessoas vão apreciar as imagens, ou quando se fazem reuniões, ou com com pessoas [?] em algum caso, cheguei a fazê-lo à dois ou três anos, um [?] Madeira que se foi falar de [?] fotografia, ver imagens, era algo que antes se falava, ter uma crítica das imagens e só lhe falta público, falta muito público para isso e tens de ir fazendo, e no caso da fotografia, é quase um caso último do que está nesta cadeia de apreciação cultural, ou de apreciação da gente.

Aqui temos, como antes dizia o Júlio, temos [cortes no som] é um ponto de onde a imagem, que seria um ponto focal para aproveitar, que se empurre, que agora se queira dar, e que se queira dar à ilha e ao Funchal como uma capital de cultura, é um ponto muito importante, [cortes no som] e ir educando as pessoas, a partir da escola, na escola se dá arte, mas há poucas escolas que dão fotografia, e sobretudo que sirva para as pessoas saberem ver uma imagem, igual que sabemos ler, não te ensinam a ver.

Marco Gonçalves

Muito bem. Exatamente.

Zyberchema

E isso que seja aproveitado pelas pessoas, que sim, sabem trabalhar com a imagem, para influenciar as pessoas, para que então... É uma história curiosa. Aprender a ver, e aprender a valorizar, é aprender a sentar-te, que uns seguiram então, e eu particularmente, temos a câmara, e eu trabalho muito com a câmara digital, é estar diante de um livro de fotografia, quando todos os outros nos sentamos a ver um livro de fotografia, e que só tem imagens, que tu possas valorizar, e que se quiseres vê-lo, tens de deixar uma opinião sobre o viste, isso faltaria muito, e seria interessante, seria interessante aproveitar isso, porque em toda a fotografia, tanto a vista como arte, ?[ 00:23:58 ]], fazer fotos de reportagens, isso também pode ser uma arte, saber caçar esse momento, em caso do Júlio, caça os momentos e as imagens das peças de teatro que fotografa, e caça esses momentos, e isso é muito importante, e essa educação visual, o ver as imagens não falta, falta um caminho importante para...

Marco Gonçalves

E então Júlio, achas que temos falta de público, as pessoas não estão interessadas na fotografia, não valorizam a fotografia, temos falta de público?

Júlio Castro

Sim, de certa maneira, mas eu penso que já foi pior, penso que as pessoas aos poucos têm aderido mais, têm vindo mais mostras, [cortes no som], o museu em tempos [cortes no som] antes de fazer esta remodelação cria um núcleo mensal de amigos do museu, o [?] o fotógrafo [?] acho eu, [cortes no som] tem de haver uma educação, como o Zé diz, aprender a ver as fotografias e depois poder analisá-las, e poder ter uma opinião, pior do que isso, pior do que ter opinião é não ter opinião, e portanto é evidente que, eu

pronto, estou [cortes no som], já há muito tempo, acompanhei vários grupos, dançando com a diferença [cortes no som]

Marco Gonçalves

O Zé tinha falado nessa questão de faltar um pouco de educação visual, educar as pessoas a ver para além da imagem, no fundo é preciso desmontá-la, desmaterializá-la, perceber a função que ele tem por trás, ou a comunicação que está por detrás dela. Então nesses casos, nós temos então falta de estruturas, Júlio, que possam ajudar as pessoas a ler as imagens?

Júlio Castro

Não sei. Eu, por exemplo, dei formação na Apel durante alguns anos, quando havia lá o curso de fotografia, neste momento deixou de haver porque não há *budgets*, portanto, para manter essa cadeira, pode ser que agora o museu faça agora novas atividades, tem todo o historial por trás, é começar a debater e a ensinar, e sei lá, partilhar. Vejo uma coisa muito interessante no facebook, volta e meia, que é, lá está, as imagens que estão a sair do arquivo, que estavam guardadas, isso é uma mudança pela positiva, quanto a mim, e agora, enfim, é ver, é conseguir com que as pessoas adiram, fotografia toda a gente gosta, “ah eu gosto imenso de fotografia, sou apaixonada por fotografia”, portanto agora vamos criar as condições para podermos falar de fotografia.

Marco Gonçalves

Isso é um excelente mote para a minha pergunta seguinte, vamos começar pelo zero, vamos meter a ordem. Então, oh Zé, projetos de fotografia para

Funchal 2030, o que é que seria, na tua mente, tendo em conta aquilo que apontaste atrás, o que seria um projeto válido para fotografia para 2030, para no fundo representar o Funchal como uma cidade da cultura.

Zyberchema

Bem, seria organizar um espaço onde se pode expor fotografias, e onde se possam trazer profissionais importantes, e ter alguns contatos, como o Foto Espanha, que é um evento anual que se faz em Espanha e que se faz também em diferentes países, mesmo que se chame Foto Espanha, pelo que seria interessante trazê-lo aqui e ser tipo uma amostra, e também me parece muito importante, bem, estávamos a falar de capital cultural, [?] para tirar também o que se faz aqui, e mostrar fora. Há que organizar encontros, que não sejam sempre concursos de fotografia, não é ver quem tem a melhor máquina, quem fez a melhor foto, que seja mais capaz de mostrar um sítio, um espaço que as pessoas se sentam, tanto para bem, como para mal. Eu lembro-me agora de um trabalho que estou a fazer há alguns anos que é sobre os cemitérios, e se chama “O Último Jardim” e eu sei que é difícil mostrar aqui, e alguns sítios fecharam-se para mim, porque esse tema é muito escabroso.

Marco Gonçalves

E então Júlio, tu também achas?

Júlio Castro

O Zé agora reavivou-me a memória em dois ou três pontos. Primeiro é realmente, houve uma altura, do Instituto Português de Fotografia, durante

três anos, havia uma ideias, eles tiveram na Madeira, aliás, a fazer cursos de verão, que foi quando me deu o clique para ir lá para Lisboa. E uma das ideias que eles tinham, era convidar o [?] Adams, que era super famosíssimo, fotógrafo Americano, para trazê-los à Madeira, e quem é que pagava isso, era todos os fotógrafos que vinham? com ele, e já tinham praticamente o avião completo.

Marco Gonçalves

Isso em que altura é que foi?

Júlio Castro

Tem mais de vinte anos, vinte e tal anos. Ele também já era meio velhote, por alguma razão isso não avançou, mas a ideia existe, eu penso que nós não inventamos nada, quando muito criamos ou reinventamos. A segunda é que o meu trabalho de curso de três anos foi exatamente fotografias sobre a morte, um tema... Foram três anos a fotografar todos [corte no som] e afins, tenho uma mostra para fazer há quase quarenta anos, mas que ainda não tive [cortes no som], falta a última fotografia, deve faltar a minha, mas pronto.

Marco Gonçalves

Então já temos aqui um projeto em andamento, não é? Já temos aqui duas pessoas que estão a tratar de um tema, e então...

Júlio Castro

Esse é mesmo antigo, e agora ele fez-me lembrar isto, ao falar dessa questão do último jardim, não era esse o nome que eu tinha pensado, mas é um tema sempre atrativo, porque a própria fotografia está muito ligada a esta questão, que é o congelar o tempo, portanto, eu tenho uma ideia que nós vivemos entre o passado e o futuro, o presente são milésimos de segundos, se tivermos isso como conta, e dificilmente nos apercebemos, tudo o que estamos a fazer agora já é passado, não é, e portanto, a nossa viagem é essa, e a fotografia tem esta capacidade de congelar aquele momento. Não digo a primeira fotografia, porque a primeira fotografia demorou oito horas a ser feitas, uma exposição de oito horas é muito tempo, nos dias que correm era um suplício, não é? Mas a ideia da fotografia, passa muito por essa ideia de longevidade, de perdurar, da mensagem de ficar, e enfim, essa é complexa, cada um há de ver à sua maneira. Agora tem que se ter locais [?].

Marco Gonçalves

Aqui em relação a projetos futuros, temos aqui já de modo, posso dizer sinergia entre o Júlio e o Zé [?], um trata do jardim, o outro trata do que está por baixo, não é?

Em relação então ao nosso projeto cultural em termos de fotografia, teremos de pensar mais ideias para além de trazer alguém de lá para cá, não é, ou de cá para lá. Nós poderíamos pensar numa coisa mais abrangente, nós já falamos aqui [?] algumas pessoas com a capacidade de desmontar uma imagem, de saber lê-la, já falamos aqui na hipótese também de juntar aqui um conjunto de mostras de trabalhos de diferentes autores aqui da região, ou de fora, e o que mais, o que é que podemos dinamizar em termos de imagem, fotografia, que podem valorizar a nossa identidade, a nossa cultura, portanto, passar no fundo, aquilo que é a nossa identidade, que é a palavra certa.



Zé

Aqui a ideia é levar a imagem à rua, levar a imagem à [?], porque é difícil, em todos os sítios é difícil, então aqui é bastante difícil, levar as pessoas aos sítios. Então é expor-lhes à frente, espaços de imagem e mostrar as diferenças, o que há, é muito importante tentar tirar todas as imagens de como era a ilha, que são as identidades próprias da ilha, e isso é muito bonito, e isso chega, chega às pessoas, e já te digo, as ideias tem que ser muito [?], e então tem de se aproveitar espaços, e paredes, aproveitar o que é vegetação, arranjar o que seria uma mescla de imagens e sons, e chegar assim ao público, e sobretudo trabalhar em conjunto, e assim como é difícil encontrar, e pode haver algum especialista, ou alguém em arte que possa criticar, aqui um crítico de fotografia é mais difícil, mas não tem de ser daqui, pode ser de fora. Estes trabalhos seriam interessantes, de poder fazer, não é? [?] ...

Marco Gonçalves

E posso fazer uma fotografia com uma caixa de sapatos, não é preciso gastar assim tanto dinheiro.

Mas agora, a minha questão é que realmente, se eu tivesse um projeto entre mãos, acho que seria se calhar valorizar fotografia, desacelerando, que acho que é o que nos falta, desacelerar, tomar tempo para nós pensarmos na imagem, e produzir uma imagem que seja marcante, isso se calhar é o que está a faltar. O que é que te parece Júlio?

Júlio Castro

Absolutamente. Hoje tiramos a fotografia e pensamos depois, ainda hoje, em off, digo-vos que o cliente quer a fotografia mesmo antes de ela ser tirada, e portanto, basicamente, é preciso desacelerar, é preciso pensar antes de se poder avançar nessa área, o que não invalida a questão de levar a fotografia à rua, aliás, o Zé tem uma exposição em Machico, acho que de imagens submarinas, eu tive a ver a uma semana atrás, e vai nascer o novo polo ali no Campo da Barca, penso que também irá dinamizar alguns espaços que a fotografia penso que também terá o seu lugar, o seu papel, tem o museu que também é um espaço muito bom, tem a Casa das Mudanças que também já lá vi excelentes exposições de fotografia, já não me lembro o nome, portanto, as coisas estão aí, as pessoas querem fotografar, agora à que dar a essa ferramenta, que é um pouco calma, vamos pensar o que é que estamos a fazer, vamos cultivar, lá está, eu acho que esta imagem que eu utilizo do caçador, e do agricultor é muito importante neste tema que estou agora a falar, e portanto, antigamente, era para além da questão financeira, o rolo tinha 36 fotografias, hoje tem um cartão que faz 3000 e o preço é o mesmo, depois apaga e torna a fazer, a questão da longevidade do arquivo, é muito importante de saber como é que vamos arquivar, fazer os *backups* desta enchente de fotografia digital, as analógicas estão guardadas, estão conservadas, se não pegar lume, nem der uma enxurrada, estão arquivadas. Agora, o digital, eu próprio já passei por isso, o cartão deixar de conter, já passei por pessoas que fotografaram, fotografaram anos e tinham tudo no computador ou no portátil e houve uma avaria e isso desaparece, portanto, esta terceira era da fotografia tem que ser abordada ligeiramente diferente da era analógica, para preservar o arquivo, como é óbvio, que é uma parte que não falamos, mas que eu dou muita importância, porque sem isso, não há história, e portanto isso é uma preocupação permanente, os arquivos organizados por temas, por... enfim, isto vai dar que pensar. Agora, a questão da exposição, do diálogo, é importante, o Zé já disse, acho que era

importante atingir uma maior número de pessoas, nas escolas, enfim, e noutros fóruns.

Marco Gonçalves

Muito bem. Então nós já temos aqui um mote, também para uma eventual iniciativa futura que é criar um arquivo digital, que permita preservar a memória, a nossa memória, se calhar com o contributo de diferentes fotógrafos que queiram ceder ou vender, algumas imagens que nos identifiquem como um povo, como uma ilha.

Eu achei estranho, por acaso deixei esta ideia aqui guardada na gaveta, que pensei que fossem falar, que é a questão editorial, quando eu falei no desaceleramento é poder nesta mescla, desta imensidão que há de imagens que são produzidas diariamente na Madeira e no mundo fora, por vezes é preciso desacelerar, escolher aquelas que identificam uma importância, uma relevância qualquer nossa, seja ela qual for, e colocá-la em livro, não vos parece que uma iniciativa editorial, ou mais, ou uma coleção, seria um bom ponto de partida para cultura, do Funchal Cultura?

Júlio Castro

Isso para mim, é de extrema importância porque além dos concursos, enfim, que as pessoas possam participar, embora não seja muito fã, não sou nada fã de concursos, sou sim fã de exposições, de edições em livro, isso para mim é forma mais digna de apresentar um trabalho, o processo, portanto, não é concorrer a um concurso qualquer e que por acaso, se manda uma fotografia, e se ganha, e há aqui o “eu sou melhor”, e agora estamos lá. Mas isso faz parte da nossa cultura, nós, não fui eu que disse, foi já outras pessoas mais inteligentes do que eu, nós enquanto educarmos para a

competição, não para a cooperação, dificilmente este paradigma irá acontecer de outra forma.

Marco Gonçalves

Um entre parênteses, qual é o bloqueio para esta falta de cooperação?

Júlio Castro

O ser o melhor.

Marco Gonçalves

Ainda há espírito de competitividade entre os fotógrafos aqui na Madeira?

Júlio Castro

Sim, sempre ouve. Eu contra mim falo, esta minha opinião é intelectual, não é processual, eu também sou competitivo, fui educado para a competição, fui educado para ser o melhor, apesar de enfim, com a idade, perceber que isso é uma ideia que não é propriamente a mais interessante de todas, até porque é uma ideia efémera depois.

Agora cooperação, é muito mais frutuosa, mas mais difícil, porque lidamos com pessoas, lidamos com personalidades, lidamos com caracteres, e como eu digo, contra mim falo, eu sou pouco... não entro assim como o Zé, o Zé acho que é mais, tem uma atividade mais cooperativa do que eu, eu não fui educado para isso.

Marco Gonçalves

É uma mentalidade de ilhéu?

Júlio Castro

De certa forma, talvez, não sei... Eu não queria...

Marco Gonçalves

O que é que achas Zé, é uma mentalidade típica madeirense, muito competitiva e não cooperarmos muito?

Zyberchema

Eu espero que por dizer isto, não me tirem da ilha, mas, sim...

[cortes no som]

Trabalhar em equipa aqui na ilha, e trabalhar em uma direção num grupo de gente, é complicado, porque cada um também tem, como dizia o Júlio, tem o seu valor e as suas coisas que querem mostrar, no entanto é muito bom poder partilhar e trabalhar num projeto em comum, e isso não significa que cada um perca a sua identidade, tens a tua identidade, junto com outras pessoas, isso é o difícil, isso pode ser difícil, também aqui há outro problema, seguindo com o tema da publicação, dos livros, publicar um livro e imprimir aqui na ilha é difícil.

Marco Gonçalves

Qual é o bloqueio, é financeiro, ou é uma questão de mentalidade?

Zyberchema

Referia-me a publicar e imprimir, aqui na ilha ainda não encontrei um sitio, para imprimir bem um livro de fotografia assim sendo sincero. Não sei se o Júlio que vive aqui há mais tempo pode ter... mas é difícil pela qualidade que tu queres dar. Tanto é assim que o melhor seria ir imprimir ao Japão, na China não, mas no Japão posso assegurar que tem uma grande qualidade na hora da impressão, e isso seria outra coisa a [?]. No final acaba sendo ?[[ 00:47:30 ]], muitas vezes, que o próprio fotógrafo ou o próprio artista ache das suas edições. A nível artístico há uma questão que a qualidade da impressão também é muito relativa, se o que queres é imprimir num papel de periódico, esse tipo de histórias são as que [?] e na hora de fazer uma publicação e falando num tema um pouco escabroso, que são os direitos de autor...

Marco Gonçalves

Claro, que é um problema. Essa questão aqui, só para dar aqui uma achega ao painel, nós recebemos aqui um comentário da senhora Fátima Spínola, obrigado pelo seu comentário, estamos aqui a falar um pouco da cooperação, e ela reafirma esta ideia que é importante termos cooperativo e em equipa, pois isso dá mais força a todos, no sentido da partilha da informação. A fotografia é basicamente isso, não é? A partilha, porque quando nós captamos essa imagem, a não ser que seja uma sessão privada, [?] que fica dentro da gaveta, a ideia da fotografia é mesmo incentivar a partilha, não é isso Júlio?

Júlio Castro

Antes disso, eu gostaria de referir a questão da impressão dos livros. É evidente que eu já produzi mais do que um livro, já produzi muitos impressos na Madeira e impressos fora, é essencialmente financeira, porque a impressão, eu conheci excelentes impressões cá na Madeira, portanto...

Marco Gonçalves

Já faliram algumas...

Júlio Castro

Sim o que [?] a gráfica Madeira, que foi uma com que [?]

[?] impressão excelente, os acabamentos já não foram tanto, porque os acabamentos encarecem também o produto. Há aqui uma questão financeira muito importante, porque se não houver esse *handicap* é evidente que fazemos um livro cosido, com acabamentos, perfeito, são boas impressões, temos boas máquinas e portanto não ia por aí. Esta é uma achega.

A segunda que me perdi...

Marco Gonçalves

É em relação à cooperação, se temos um sistema cooperativo e de equipa.

Júlio Castro

Como eu já disse, contra mim falei, ao levantar esta questão da cooperação com a competição, porque a minha educação é competitiva, foi para competir, agora eu continuo a achar que a fotografia, de qualquer maneira é um habito muito individual, isso é fotografia, que é uma escrita pela luz, como

é tocar uma partitura do Beethoven, que é a mesma partitura, mas depende do executante, cada um tem a sua maneira de, lá está, o que eu acho é que depois o diálogo podia ser mais acessível, menos... mas o ato de fotografar, eu não queria que me tirassem esse momento.

Marco Gonçalves

Vais trabalhar em equipa, mas realmente é quase como no desporto como se jogasses golf, não é como jogar golf, ou como jogar futebol, não é?

Posso jogar golf com os amigos, mas quando chegar à altura de dar a tacada sou eu.

Somos um povo fechado Júlio?

Júlio Castro

Penso que é uma questão cultural, é... a abordagem que for feita, pois penso que não é fácil de mudar assim do dia para a noite, não é. Ficou a ideia, lancei a ideia e agora olha.

Zyberchema

Também outra questão que aqui se vê, as pessoas não gostam de mostrar o que fazem.

Marco Gonçalves

É um ato de coragem mostrar o nosso trabalho, quando nós não estamos seguros.



Ainda continuando com esta questão editorial lembrei-me de colocar aqui a questão que é, há um livro, um foto-livro Lisboa Cidade Triste Alegre, de Vítor Paulo e Costa Martins os arquitetos que se juntaram, e fizeram um livro que ainda hoje em dia é uma referência do século XX, dos fotos-livros, isto não seria um bom mote para nós fazermos assim alguma coisa ao estilo, com algum *update* do novo milénio, não é, de vermos a cidade com diferentes perspetivas, estou aqui a recordar, pronto, desculpem este momento, mas tinha que falar, o meu pai, como algumas pessoas poderão saber era José António Gonçalves, era presidente da Associação de Escritores da Madeira, e reuniu também um pouco de pessoas que escreviam, isoladamente, e criou o movimento IRA, onde teve a oportunidade de coordenar até ao último volume dessa iniciativa, e porque não fazer algo, dentro da fotografia, onde cada um visse a cidade da sua forma, quando eu digo a cidade poderá se estender ao resto da ilha, claro, e cada um participar com a sua visão.

Júlio Castro

Sim, alguém tem que se chegar à frente, não é?

Ainda agora, acho que foi o... que lançou um livro de fotografia aérea acho eu...

Marco Gonçalves

Sim, com um drone, o jornalista, o foto jornalista, agora esquece-me o nome também... Mas sei qual é precisamente, sim.

Júlio Castro

Mas até há algumas iniciativas, sem dúvida, agora, para Funchal Capital da Cultura é evidentemente que podia ser uma amostra mais alargada, mais abrangente, lá está, com várias visões, diferentes fotógrafos, enfim, eu acho que sim, acho que a ideia é válida, e não tenho dúvidas que é daquelas que depois se perduram no tempo, efetivamente, porque da maneira que quase todas as coisas são efémeras, não é, o livro é sempre uma, a não ser que se pegue lume, como a biblioteca de Alexandria, o livro tem sempre uma longevidade maior do que uma pen.

Marco Gonçalves

Quando falei no livro, é porque vai de encontro aquela ideia que falamos à pouco de desacelerar, de valorizar a imagem, e se calhar de termos tempo também de perceber-la, com mais cuidado, porque uma coisa é folhear um livro de 100 páginas, outra coisa é pegar numa pen-drive com 3000 fotografias do *baby shower*, não é?

Júlio Castro

A parte difícil do trabalho, é pegar nas 3000 e tirar as 2 ou 3 que realmente importam.

Marco Gonçalves

Aliás, quando eu fotografava analogicamente, uma das coisas que eu dizia, era um rolo de 36 com 4 fotos boas, era um excelente rolo. E hoje em dia, nós não nos preocupamos com aquele momento, porque o *timing* de captação era outro, obviamente que eu contava os rolos que tinha no bolso e fotografava no momento certo, agora nós fotografamos em disparo, não é?

Júlio Castro

Há uma estatística que acho que diz que é 1 em 10, eu por acaso, acho que para mim, deve ser 1 em 1000, mas pronto, não é fácil, e portanto, isto é importante também passar, porque não é só colocar lá e deixar, sem voltar aquilo que eu digo, algum critério, penso que neste momento há uma falta de exigência nesse âmbito.

Marco Gonçalves

Então, nós estamos quase a terminar, estamos na reta final, então não sei se vocês gostariam de deixar uma mensagem final, às pessoas que nos têm acompanhado, dentro da vossa paixão pela fotografia, pode ser num âmbito qualquer, não tem de ser necessariamente neste plano da fotografia como um mecanismo cultural.

Não sei se gostariam de deixar alguma mensagem.

Zyberchema

Em resumo eu diria que esta conversa que nós tivemos cá, estou certo que será um ponto para fazer coisas interessantes e que não vai ficar por aqui, é muito bom o diálogo e a individualidade de cada pessoa, mas trabalhando com os outros, e como eu disse antes, há que mostrar que não é fácil para revolucionar, para ir à frente.

Marco Gonçalves

Muito bem, uma mensagem de cooperação e de recolocação de sinergias.

E então Júlio, queres deixar alguma mensagem final?

Júlio Castro

Eu costumo deixar uma, que é de uma frase do Bernardo Show, que recusou um Nobel da literatura, [Marco Gonçalves – isso é que é tê-los no sítio, não é?], é exatamente, e ele disse, exatamente acerca da fotografia, e isto para quem faz fotografia, e deve continuar a fazer, é que, ele trocava todas as representações pictóricas de Jesus Cristo, por uma só fotografia deste, portanto...

Eu nem me lembraria disso com certeza, e isto não é tirar de forma nenhuma a força à pintura...

Marco Gonçalves

Lógico, lógico, e olha que eu sou pintor também. Mas a verdade é que a imagem, seja ela feita com um pincel, com um lápis, ou com uma máquina, não gosto muito de dizer o termo máquina, porque a máquina produz qualquer coisa, nós fotógrafos, usamos uma câmara, e a câmara é que produz a imagem que tá na cabeça do fotógrafo. Não gosto muito do termo máquina, máquina é para lavar a loiça...

Mas só para terminar, o que é importante, e não importa a técnica que nós usemos, é aquilo que está na cabeça da pessoa, ou a imagem que nós temos, a nossa ideia, e podermos transmitir qualquer coisa para a posteridade.

Faço votos então, que hajam mais iniciativas como esta e que possamos discutir mais estes assuntos, e que possamos, se calhar, produzir algo que fique para a posteridade, como o que tem sido passado pelos melhores do Museu, não estou aqui como representante do Museu, estou aqui como

Marco, como alguém interessado na fotografia e espero então que todos nós, consigamos, dentro da nossa especialidade fazer alguma coisa que fique para a posteridade.

Muito obrigado pela vossa disponibilidade.

Muito obrigado por tudo, um grande abraço a todos.

E vamo-nos encontrando por aí.